



ERICO VERISSIMO

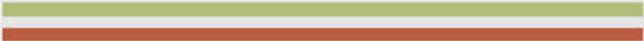
CARTAS DA UNIÃO PAN-AMERICANA
1953/1958

ORGANIZAÇÃO
MARIA DA GLÓRIA BORDINI

 **CNPq**
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico



edições
makunaima



edições makunaima

Coordenador

José Luís Jobim

Revisão

Luciana Balbuena

Juliana K. Pauletto

Diagramação

Casa Doze Projetos e Edições

Copyright © 2020 by Acervo Literário de Erico Veríssimo (ALEV)

Todos os direitos reservados.

Associação Cultural Acervo Literário Erico Veríssimo.

Rua Felipe de Oliveira, 1415, 90630-000, Porto Alegre, RS, Brasil



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

V516e Veríssimo, Érico, 1905-1975.
Erico Veríssimo: cartas da União Pan-Americana 1953-1958 /
Organizadora Maria da Glória Bordini; transcrição e notas Gabriela
Ruwer Guindani, Juliana Kiszewski Pauletto. – Rio de Janeiro, RJ:
Makunaima, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-87250-13-7

1. Veríssimo, Érico, 1905-1975 – Discursos, ensaios e
conferências. 2. Correspondência. I. Caro, Herbert. II. Moog, Vianna.
III. Bordini, Maria da Glória. IV. Guindani, Gabriela Ruwer.
V. Pauletto, Juliana Kiszewski. VI. Título.

CDD 810.9

Elaborado por Mauricio Amormino Júnior – CRB6/2422

ERICO VERISSIMO

CARTAS DA UNIÃO PAN-AMERICANA:
1953/1958

Organização
MARIA DA GLÓRIA BORDINI

TRANSCRIÇÃO E NOTAS

GABRIELA RUWER GUINDANI
JULIANA KISZEWSKI PAULETTO

Rio de Janeiro

2021



Introdução

Hoje, com as facilidades da Internet, a troca de mensagens se tornou instantânea. O estilo da comunicação mudou muito, se pensarmos em tempos sem Internet, e é mais sintético, pressupondo e subtendendo muito do que não é dito. Parece-se com as conversas que se travam presencialmente. A arte da correspondência anterior aos avanços da informática era mais demorada e cuidadosa, quando não mais profunda. Se a comunicação digital é veloz e breve, afetando o pensamento e a redação da carta, a troca de correspondência em papel traduz o vagar, a concentração do sujeito sobre a mensagem do seu correspondente, a manifestação não só de ideias mais desenvolvidas e argumentadas, mas de sentimentos mais transparentes.

8 A carta em papel se transforma hoje não só num documento oficial – no caso de cartas que necessitam assinaturas para serem aceitas em empresas e entidades da esfera pública – mas num registo vivo de memórias pessoais do passado, em que se relatam fatos, avaliações, desejos, pressentimentos, ordens, e dos momentos de uma história de vida tornados permanentes por intermédio da escrita, quando conservada para a posteridade.

Quando se trata da correspondência de figuras ilustres, maior é o valor conferido à carta em papel, já que as novas formas digitais são de difícil recuperação e correm o perigo de inacessibilidade, seja por decisão dos remetentes, seja porque os programas eletrônicos constantemente se renovam, perdendo-se dados. É o que ocorre com cartas de escritores, que sobrevivem ao tempo, quando impressas ou manuscritas em papel, mas que em e-mails já estão quase em desuso, pela migração dos usuários a outros recursos mais atrativos.

É raro que um arquivo de correspondência, formado pelo próprio escritor ou por um órgão de guarda de documentos literários,

contenha a totalidade das cartas trocadas durante uma vida inteira. Haverá perdas irreparáveis, decorrentes da falta de cópias das cartas remetidas, das perdidas no correio, ou descartadas pelo destinatário, e ainda prejudicadas pelo modo como foram guardadas, ou pela qualidade inferior do papel. E, até, pela pouca importância dada pelo remetente a sua futura história. Com o que foi conservado é que o estudioso de literatura tem a possibilidade de inovar os achados sobre um autor ou uma obra, fazendo progredir o conhecimento literário e as potencialidades de interpretação dos leitores.

A correspondência é uma das formas de expressão escrita das mais espontâneas, pois, mesmo que saída da pena de um escritor, não vem cuidada como o original de um livro. O discurso é frouxo, os assuntos podem estar reunidos sem laços lógicos, apenas por justaposição, e não só o emissor se revela, mas também o destinatário fica retratado, seja pelas pressuposições, seja pelo tom e teor das respostas ou dos pedidos, o que aumenta seu valor documental.

No Acervo Literário de Erico Verissimo,¹ o arquivo de correspondência – que abrange cartas do escritor e de particulares, desconhecidos, amigos e parentes, tanto quanto correspondência de instituições privadas e públicas, no geral ligadas à edição e à difusão cultural – resente-se, por exemplo, de grandes lacunas, não em número de cartas, mas entre cartas trocadas. Há a carta de Erico Verissimo a alguém, mas não a resposta, ou vice-versa. Poucos são os casos em que se pode reconstituir o curso completo da correspondência.

É o que acontece com as cartas de Erico Verissimo enviadas durante sua estada em Washington, D.C., nos anos 1950, quando era diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos. Erico escreveu a muitas pessoas, família e amigos, contando os dissabores de sua vida administrativa, seus achados culturais, suas impressões dos Estados Unidos e da América Latina, seu período “de seca” na criação literária, assoberbado pelo

¹ Atualmente sob guarda do Instituto Moreira Salles, do Rio de Janeiro.

trabalho e inúmeras viagens. Mas não guardava as respostas de seus destinatários ou as cartas recebidas.

Entre seus correspondentes mais assíduos nesse período salientam-se dois velhos amigos, Herbert Caro e Clodomir Vianna Moog. Nas cartas que lhes dirige, Erico abre-se francamente, faz-lhes confidências, declara seus gostos e desgostos, o que traça um retrato saboroso do que passou e suportou e do que lhe foi possível contribuir para o avanço das relações interamericanas. Tal correspondência cria uma história do cotidiano do escritor, alçado a uma posição administrativo-diplomática que lhe era estranha, mas também concorre para uma história oficial de como funciona uma organização internacional com suas vicissitudes.

Um certo Herbert Caro

Herbert Moritz Caro (1906-1991) foi um judeu alemão de Berlim, formado em Direito, que imigrou em 1933, fugindo ao nazismo que então se anunciava e que o proibira de exercer a advocacia. Em maio de 1935, chegou ao Brasil com um vocabulário de três mil
10 palavras aprendidas em um curso na Alemanha e em dezembro do mesmo ano casou-se com Nina Zabłudowski.

Acolhido pela Livraria do Globo, de 1939 a 1948 trabalhou na famosa Sala dos Tradutores, a convite de Henrique Bertaso e Erico Verissimo, sendo reconhecido por suas versões de *Os Buddenbrook* e *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann. Em 1947, naturalizou-se brasileiro e no ano seguinte começou a trabalhar na seção de livros importados da Livraria Americana, na Rua da Praia, onde não só vendia, mas aconselhava a compra de livros aos consumidores, sempre sorridente. Quando a livraria fechou em 1957, começou a trabalhar como autônomo e free-lancer no *Correio do Povo*, onde manteve por anos uma coluna de livros intitulada “Balcão de Livraria”. Além de seu conhecimento literário e de seu apurado senso de humor, era um apaixonado pela música erudita, um verdadeiro melômano.

Herbert Caro, além de tradutor e colunista, foi conferencista, bibliotecário, escritor de vários artigos e ensaios para jornais e revistas brasileiras e alemãs. Entre os autores traduzidos para o português estão Thomas Mann, Elias Canetti, Lion Feuchtwanger. Para o alemão, traduziu Quintana e Verissimo, entre outros, tornando-se amigo deles. Pelo serviço prestado à difusão da cultura alemã, Caro recebeu, em 1974, a Cruz da Ordem do Mérito, Primeira Classe, do governo alemão. Em 1986, recebeu da cidade de Porto Alegre o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre e no ano seguinte a Medalha Cidade de Porto Alegre.²

Foi da convivência na Globo que se originou uma amizade duradoura entre Erico Verissimo e Herbert Caro. Desde os anos 40, quando se conheceram por razões profissionais, até o falecimento de Erico, em 1975, os dois mantiveram um relacionamento muito confiante, em que de lado a lado houve a troca de estímulos mútuos, de conhecimentos e de experiências de vida, bem como o estabelecimento de fortes laços afetivos entre as duas famílias, que permaneceram em contato mesmo à distância, quando as viagens de Erico o afastaram do Brasil, por vezes durante vários anos. Esses distanciamentos deram origem a uma fértil troca de correspondência – de que o Acervo Literário de Erico Verissimo possui apenas as cartas de autoria do autor de *O Tempo e o Vento*.

Essa coleção testemunha o quanto Erico estimava o amigo e o quanto Caro representava para ele como elo com um Brasil que, de longe, parecia estar se perdendo nas crises políticas dos anos 50 e 60, e de uma Porto Alegre que se tingia de saudade à falta de notícias. Erico era um correspondente assíduo: escrevia e respondia, mas seus destinatários nem sempre lhe respondiam. Herbert Caro era a exceção. Apenas na década de 50, podem-se computar 38 car-

² Dados biográficos extraídos do site do Instituto Goethe. Cf. <http://www.goethe.de/ins/br/lp/prj/jub/pt14636628.htm>

tas a ele dirigidas, coincidentes com os períodos de sua estada em Washington, de 1953 a 1956, e com sua viagem à Europa em 1959.

Entre os temas muito insistentes nessa correspondência, Erico, quando está a serviço da OEA, queixa-se da falta de tempo para dar atenção ao amigo que lhe reclama respostas, pede notícias de alguns amigos e colegas da Globo, tais como Mario Quintana, José Rasgado Filho, Edgar Cavalheiro, ou Maurício Rosenblatt, que não lhe escrevem, expressa suas saudades de Porto Alegre, mas constantemente refere concertos, peças teatrais, livros e discos adquiridos, comentando-os. Percebe-se, nas cartas, que Erico recebe encomendas de discos de Caro e que o mantém informado do que está sendo lançado em termos de livros nos Estados Unidos e na Europa. Um dos autores sempre citados é Thomas Mann, que Erico conheceu nos Estados Unidos em sua primeira viagem de 1941, de quem Caro se transformara na voz em língua portuguesa.

12 A correspondência de Erico para Caro importa não apenas como testemunho da amizade entre dois bons amigos, mas também como documento para a história, não só literária, do século XX. Erico comenta eventos momentosos de seu período à testa do Departamento Cultural da União Pan-Americana, revela sua atuação na diplomacia latino-americana da década de 50 e demonstra seu papel ativo na difusão da cultura brasileira nos Estados Unidos, referindo conferências e excursões literárias realizadas, autores e obras estrangeiras ainda desconhecidos no Brasil, sempre manifestando suas opiniões e avaliações muito pessoais e desinibidas.

Erico, em suas cartas a Caro, escolhe os assuntos que sabe irão interessar o amigo, conta-lhe os fatos corriqueiros da vida cotidiana, conforme os lembra e não em ordem cronológica, enfatiza títulos e nomes que acredita devam ser de utilidade para Caro enquanto livreiro e melômano, e lhe traz episódios que lhe ocorreram, tanto da vida privada, no âmbito da família e das suas viagens, quanto da vida pública, como representante do Brasil

na OEA e como conferencista requisitado pelas universidades e entidades culturais.

Acreditando que Caro compartilhe suas opiniões políticas, faz avaliações de State Department, vendo o amigo como um coirmão liberal, preocupado com o futuro da América Latina dos anos 60, em que as ditaduras militares seriam fomentadas pelos Estados Unidos em função da Guerra Fria. Em 20 de abril de 1954, já escrevia a Caro fazendo um retrato muito curioso e rápido de Nixon: “Há dois dias conheci pessoalmente o Nixon, vice-presidente. Tem o nariz do Bob Hope e uma queixada lombrosiana.” – o que parece profético.

Outra faceta dessa correspondência é a da literatura e da crítica. Em carta de 6 de agosto de 1954, Erico anuncia ao amigo sua novela *Noite*: “o grande truque da novela – devo adiantar-te – é que sendo uma coisa que devia parecer-se com um pesadelo e portanto vago, informe, indefinido, ela foi assim mesmo tratada realisticamente, o que ajuda a aumentar a sensação de desconforto e *confusão* do leitor. Bem. Tu verás.” Caro, entretanto, não gostou da novela e parece tê-lo dito a Erico, que retruca: “Em primeiro lugar quero dizer-te que *Noite* não é livro para ser *gostado*. [...] Falas em cenas repelentes... Pensa bem. É uma questão de sugestão. [...] As perversões do corcunda são mais sugeridas do que mostradas. E se elas te enojam é porque fazem também parte, subterraneamente, da tua noite”.

Em carta de 27 de setembro de 1955, Erico volta à sua literatura e dá notícias sobre os progressos da escrita de *México*: “o livro sobre o *México* vai marchando lentamente. Ainda não saí do período de *estudos*. Tenho nada menos de 100 páginas só de notas. Não vou fazer um livro erudito, que esse não é o meu gênero. [...] E ninguém pode compreender a história do México sem estudar a história da terra, do torrão mexicano, pois toda ela se revolve em torno da posse da gleba, e assim por diante.” A carta evidencia o quanto o narrador de viagens de *Gato Preto em Campo de Neve* percebeu que não podia apenas confiar em suas impressões para

conhecer um povo. E *México* se tornou o livro mais profundo entre as narrativas de viagens do autor especialmente pelo estudo apurado que alicerça os fatos e opiniões narrados.

Fora da literatura, outro assunto mais do que frequente é a música. Além de elencar autores, peças, gravações, para notificá-las ao amigo, a importância da música na vida de ambos se expressa também na carta de 19 de novembro de 1959, que se abre com a informação emocionada de Erico: “Ontem recebemos, pela TV, a notícia da morte do Villa-Lobos. Fiquei muito sensibilizado. Eu não só admirava o homem como também gostava dele como pessoa. Encontramo-nos em Paris, em junho passado, num almoço na sede da Unesco, e pela maneira como ele me recebeu, à Mafalda e a mim, eu vi o quanto ele nos estimava.” Pode-se notar que Erico compartilha a dor da notícia com o amigo, tentando atenuar o impacto da notícia ao lembrar um momento feliz de convívio.

Também de cinema Erico fala ao amigo igualmente cinéfilo. Por exemplo, em carta de 24 de fevereiro de 1956, comenta o seguinte: “Vi uma fita que me abafou por completo – *The prisoner*,³ com Alec Guinness. Baseada no caso do cardeal Midzenski (*how do you spell it?*). Um *script* que é um prodígio. [...] Os indicados para o Oscar, este ano, a não ser *The rose tatoo*⁴, que deve ser bom, são medíocres: *Picnic*, *Love is a Many Splendored Thing*, *Love me or Leave me*.⁵”. Note-se que Erico tem opiniões pouco lisonjeiras sobre

14

3 *Prisioneiro do Remorso*, de 1955, dirigido por Peter Glenville. Cf. <https://www.imdb.com/title/tt0048512/>

4 *A Rosa Tatuada*, também de 1955, filme de Daniel Mann, com Anna Magnani e Burt Lancaster. Cf. [https://www.imdb.com/title/tt0048563//](https://www.imdb.com/title/tt0048563/)

5 Respectivamente: *Férias de Amor*, filme de Joshua Logan com Kim Novak e William Holden; *Suplício de uma Saudade*, filme de Henry King com William Holden e Jennifer Jones. Recebeu o Oscar de melhor filme em 1956, vencendo *A Rosa Tatuada*; *Ama-me ou Esquece-me*, filme musical de Charles Vidor com Doris Day. Cf. <http://www.adorocinema.com/filmes>.

o cinema hollywoodiano, em comparação com o europeu, algo que se perpetua até hoje entre os críticos cinematográficos.

Erico não deixa de partilhar com Caro o que o torna feliz. Em carta de 16 de março de 1956, conta-lhe: “Quero te contar uma coisa linda que me aconteceu ontem. Como sabes, o Dr. Winter, de *O Tempo e o Vento*, é natural de Eberbach. Pois recebi uma carta do *Bürgermeister* dessa cidade, agradecendo-me por ter escolhido o seu *Bürger* para berço do dr. Winter e mandando-me de presente várias aquarelas originais com vistas da cidadezinha. Não achas uma coisa fantástica?” É notável não apenas a alegria do escritor ante a homenagem longínqua que recebe, mas o processo de rememoração em trânsito na própria escrita da carta que culmina com uma outra homenagem de reconhecimento ao amigo que lhe indicara a cidade.

Em 11 de junho de 1956, tem-se uma carta em que o modo contido, mas muito afetivo, como Erico se movimentava na esfera privada é manifestado. Erico nela dá a notícia do noivado de Clarissa: “[...] quero dar-te uma notícia importante. Clarissa vai casar com um americano. O que eu temia aconteceu. Trata-se duma amizade que ‘degenerou’ em amor. Eram companheiros de teatro. A princípio fiquei chocado. A ideia de me separar da minha filha não me era nem me é ainda agradável. Depois fiquei triste e mais tarde resignado. Agora começo a encarar o problema, ou, melhor, a situação com uma serena alegria”. Essa confissão tão aberta dos sentimentos de perda de um pai em relação à emancipação da filha demonstra o quanto Erico prezava Herbert Caro, pois não era homem de manifestar seus conflitos, especialmente suas dores.

Por outro lado, um dos exemplos que explicitam a visão isenta da política mundial de Erico aparece na carta de 29 de setembro de 1959, quando ainda está nos Estados Unidos, após sua primeira viagem à Europa e a Portugal. Ele retrata a Caro o líder soviético Kruschev: “O homem é realmente um tipo de político que não se conhece por aqui. Um primário espertíssimo, com o instinto do

político, a sabedoria do camponês e uma obstinação luar. Tem *sense of humour*, sabe dar uma boa risada e no momento seguinte fechar a cara e começar a falar duro, não sei se por temperamento ou por cálculo. [...] Mr. K. tem muitos *good points*, em meio de muita falácia. Eu não lhe perdoo a matança na Hungria, isso para não falar nas da Rússia através dos muitos anos em que ele foi um dos *Stalin boys*.” Ele observa num relance o modo como Kruschev se conduz nos Estados Unidos – estamos no início do degelo da Guerra Fria –, mas não deixa de culpá-lo pelas medidas desumanas que traz em seu passado.

As cartas de Erico proporcionam, como se pode constatar, informações preciosas sobre figuras nacionais e mundiais da arte e da política, sem autocensura – salvo a das precauções estéticas do autor. Delineiam um Herbert Caro como amigo respeitado, parceiro no amor aos livros e à música, capaz de rir-se da tolice humana, de indignar-se ante a opressão, e simpatizante, como Erico, do liberalismo no velho sentido inglês do termo.

O “viking” Vianna Moog

16

Clodomir Vianna Moog (1906-1988), nascido em São Leopoldo, RS, formou-se em Direito e concursou-se como fiscal de Imposto de Consumo, o que lhe permitiu percorrer o Rio Grande. Participou da Revolução de 30, foi preso em 32 na Revolução Constitucionalista e deportado para o Amazonas por dois anos. Ali dedicou-se à leitura de Machado, Eça e Anatole France. Dessa experiência de exílio resultou *O Ciclo do Ouro Negro* (1936). Anistiado, passou por Belo Horizonte e por fim voltou a Porto Alegre, onde foi convidado a dirigir a *Folha da Tarde* de Breno Caldas. Embora não se acertasse com o jornalismo, ali aprendeu a escrever diretamente à máquina e aventurou-se na crônica humorística, publicando *Novas Cartas Persas* (1937). Deixou o jornal e dedicou-se ao ensaio biográfico. Em 1938 publicou, pela Globo, dois livros, *Heróis da Decadência* e *Eça de Queiroz e o Século XIX*, obtendo grande sucesso até em Portugal.

A essa altura, como autor da *Globo*, tornara-se amigo de Erico, a quem visitava seguidamente e com quem compartilhava o gosto pelo cinema e a música.⁶ Erico chamava-o de viking, pela estatura intimidante e seus cabelos louros. Moog não deixava de ser um aventureiro: mais uma vez, ousou sair de sua zona de conforto e experimentou-se como romancista. *Um Rio Imita o Reno* saiu também em 1938, obtendo bela acolhida.

Em 1950 foi nomeado representante do Brasil para a Comissão de Assuntos Sociais das Nações Unidas e participou em Nova York e Genebra de todas as reuniões da Comissão. Dois anos depois foi indicado pelo Brasil para o Comitê de Ação Cultural da OEA, no México. Ficou na cidade por mais de dez anos, como presidente da Comissão, posto em que fez parte da Segunda Reunião do Conselho Interamericano Cultural em 1956.

Mas as novas atividades diplomáticas não o afastaram da escrita, lançando seu ensaio mais celebrado, um trabalho geopolítico de peso, *Bandeirantes e Pioneiros*, em 1954. Em 1959, voltou à literatura com o romance *Uma Jangada Para Ulisses*.⁷ Nomeado de novo para a Comissão Social das Nações Unidas em 1961, foi eleito seu presidente para a XIII Sessão. Continuou uma carreira diplomática internacional de êxito expressivo, que se encerrou apenas com sua aposentaria em 1969.

Sua correspondência de Erico nesse período abrange de 1953 a 1956, e configura as relações pessoais e oficiais dos dois amigos. As 21 cartas de Verissimo dirigidas a Vianna Moog permitem historiar o que acontecia na União Pan-Americana, as tratativas internacionais encetadas, momentos de crise diplomática, bem

6 Dados colhidos de entrevista concedida à *Revista do Globo* (n.259, 21/01/1940. p.30-33). As datas de suas primeiras edições foram retiradas do site da Academia Brasileira de Letras.

7 Cf. <https://www.academia.org.br/academicos/vianna-moog/biografia>

como os acontecimentos da vida familiar do Verissimo, pois Erico levava consigo a esposa Mafalda e os filhos Clarissa e Luis Fernando. Da parte de Moog não existem cartas no ALEV relativas aos anos em questão, podendo suas vivências serem apenas deduzidas das reações de Erico.

O estilo dessas cartas é o mesmo daquelas destinadas a Herbert Caro. Além da abertura nomeando o destinatário e o fecho recomendando-se ao amigo e família, ele salta de assunto em assunto, ora manifestando suas atitudes na vida profissional, ora noticiando a situação de sua família, ora confidenciando sentimentos, ora opinando sobre o que se passa no Brasil, ora comentando seus impasses na criação literária, em movimentos de progresso e regresso aos temas.

18 A primeira carta, escrita logo à chegada dos Verissimo, em 7 de maio de 1953, é de estilo bem pessoal, da mesma forma que as dirigidas a Caro. Erico informa as sensações da chegada, confessa seu temor, seu desejo de fuga da realidade avassaladora de seu cargo, e afirma não estar à altura do trabalho de Tristão de Athayde. De mistura com as informações sobre o cargo, tão absorvente que ele teme não poder escrever o terceiro volume de *O Tempo e o Vento*, expressa suas saudades de Porto Alegre. Refere a felicidade da família, a procura de uma casa, o tempo instável, e a situação da política brasileira, que o preocupa pelo alto custo de vida e pela iminência de um golpe militar.

Outras cartas pessoais se sucedem, alternadas com as oficiais. Notícia a moradia nova, a aclimatação da família, visitantes que o agradam. Fala de música, de cinema, de livros. Todavia, o clima tranquilo muda quando os problemas profissionais começam a pesar cada vez mais na vida cotidiana do escritor. Em carta de 24 de janeiro de 1955, ele se confessa deprimido, saudoso dos lugares que apreciava em Porto Alegre e do dia a dia sem aflições maiores. Em maio de 1955, confessa que a necessidade de um feriado se faz cada

vez mais urgente. Resolve visitar o México, para livrar-se, pelo menos por um tempo, do que chamava de “o mausoléu de mármore”, que o aflige. Erico de fato visitou o México e, encantado com seu povo e cultura, pelo contraste com os descoloridos norte-americanos, escreveu talvez a sua melhor narrativa de viagem.

Sua amizade por Moog se revela nas tentativas de promover a obra deste, *Bandeirantes e Pioneiros* (vide carta de 17 de junho de 1953). Previne-o dos limites da Globo – as tiragens prudentes, a distribuição tímida. Em carta de 6 de agosto do mesmo ano, anima o amigo quanto ao que pode aguardar quanto ao livro: “De acordo com o que dizes de *Bandeirantes e Pioneiros*, e com a tua conclusão em torno de capitalismo, catolicismo e protestantismo, é *provoking*.” E oferece-lhe sua opinião de ex-editor: “O livro será um bestseller de saída e depois, constituirá o que chamo de ‘permalento’, isto é, obra de venda lenta, mas permanente, como *Casa Grande e Senzala*”. Não fica somente no incentivo, pois procura difundir a obra nos Estados Unidos. Tenta vendê-la à Macmillan Co. (cf. carta de 10 de setembro de 1954), consegue que seu tradutor aceite o projeto, conta-lhe do entusiasmo de Anísio Teixeira pelo livro.

19

Pela persistência nas tentativas de fazer circular a obra de Vianna Moog em língua inglesa, Erico não só dá testemunho do seu apreço pelo trabalho original de Moog, cujas edições se sucederam no Brasil e chegaram até a 22ª pela José Olympio – e que continua no mercado -, mas igualmente demonstra a grande parcela de atenção que lhe deu, em meio às tribulações de suas atividades administrativas e dos desentendimentos havidos com a CAC.

Raras são as cartas realmente oficiais, em que as iniciativas ou tratativas relacionadas à União Pan-Americana estejam expostas ou comentadas de forma objetiva e sem a interferência de estados de ânimo. Uma delas, bastante breve, pode exemplificar esse outro estilo. Trata-se de uma carta endereçada com o cabeçalho da UPA, convidando o autor Vianna Moog para participar de um projeto

editorial do Departamento, dentro de sua missão de fomentar o conhecimento entre as culturas das Américas (cf. 26 de novembro de 1954). Trata-se de um convite para participar de uma antologia de contos em tradução para o inglês. Mesmo nesse caso, porém, ao enfatizar o critério de que o enredo seja atrativo, transparece o autor num documento oficial: a ideia de não interessar apenas as elites e sim ao grande público é um dos pontos principais do projeto criativo de Verissimo, que ele sempre defendeu para a literatura.

Em carta de 1º de março de 1956, reitera ao amigo: “Estou firme no propósito de voltar em julho para o Brasil, embora não sinta nenhuma vontade disso. Creio que te contei que minha estada em Porto Alegre em dezembro me deixou assustado”. Em dezembro de 1955, Erico fizera uma rápida viagem ao Rio Grande do Sul e ficara chocado com o acirramento das paixões políticas no Brasil. Em novembro de 1955, o presidente Café Filho, sucedendo Getúlio, após o suicídio, sofrera um evento cardíaco e se afastara do governo, assumido por Carlos Luz, presidente da Câmara dos Deputados. Este se envolvera numa tentativa de golpe de Estado, para impedir a posse do presidente eleito Juscelino Kubitscheck. O Congresso decidiu que Nereu Ramos substituiria Café Filho até o fim do mandato, para a transmissão do governo a Kubitscheck.⁸ A agitação política e social era tamanha que Erico receava regressar em meio de mais um golpe – o que sucedeu em março de 1964.

Em março de 1955, pede a Moog que, quando voltar ao Brasil em 1956, o auxilie com o desembaraço de sua bagagem na alfândega, pois teme que lhe embarquem móveis e utensílios e o automóvel adquirido nos Estados Unidos. Esse é o único apelo de ajuda que faz a Moog, o qual já havia retornado a Porto Alegre, como se depreende o fecho da carta: “Que tal a tua casa? E a família? Quais são os planos? Voltas para o México? E a política? Qual é o teu candidato,

8 Informações colhidas da Wikipedia.

if any?” Ele o reitera em 1956, já de volta a Porto Alegre, porque a Alfândega criou dificuldades com o carro.

Entretanto, não só de problemas e (in)felicidades pessoais falam essas cartas. A estada de Erico na União Pan-Americana incluiu um relacionamento oficial com Vianna Moog, na qualidade de membro do Comitê de Ação Cultural. De início tais relações foram muito cordiais. Em carta de 13 de maio de 1953, Erico convida o amigo a vir para Washington tratar dos assuntos do CAC. Ao que parece, a visita de Moog aconteceu, tanto que em junho, no dia 17, Erico lhe afirma: “Cada vez me convenço mais de que é um erro estar o Comitê de Ação Cultural no México. Podíamos bater grandes papos com proveito mútuo”. Porém, os trâmites com o Comitê não vão bem, pois ele se desculpa: “*I am sorry*, mas tenho que tratar contigo dum abacaxi do CAC, o que faço na carta anexa para não macular esta.”

A carta anexa, também datada de 17 de junho de 1953, trata de um estudo realizado pela CAC, que Erico critica duramente, enumerando uma longa série de erros de conteúdo, de redação, de entendimento das funções e da alçada da Comissão. Erico observa ainda que “o comitê pede um *tape recording*. Não temos verba pra comprar. *No hay plata. There is no money. Pas d’argent.*”, o que não deve ter agradado de forma alguma os membros do CAC. E remata vetando um resumo “dos quatro volumes da Carta Cultural. Isso é um absurdo. É impossível fazer um resumo.”

Essas primeiras advertências à CAC parecem ter originado um mal-estar que mais tarde iria aflorar em problemas constantes. Moog teria apaziguado seus colegas, contando com um futuro mais produtivo. É provável que as relações com o amigo não tenham sofrido abalo, pois Erico continua a dar-lhe conta de suas atividades como membro da União Pan-Americana. Porém, a cada observação que faz ao amigo sobre o CAC, atíça os brios do Comitê. Em carta oficial datada de 5 de maio de 1954, Verissimo efetua um detalhado relato

a Moog do que acontecera recentemente nas suas relações com o Comitê e quanto a participação deste na Conferência Interamericana de Caracas, cheias de dificuldades e mal-entendidos.

A indignação e impaciência de Erico com as manifestações de vaidade e poder que presenciou e que sofreu levam-no a deixar o discurso oficial: “Que tu queiras continuar trabalhando *full time* no CAC é coisa mui louvável. Mas que se procure negar-me o direito de dizer o que penso, ah!, isso não: morro seco e não me entrego, como dizia o meu saudoso conterrâneo João Mandioca”. Mas logo trata de amenizar o desabafo: “Bom. O destino do CAC não está em minhas mãos. O CIC é que vai decidir”. E acrescenta: “Espero que o novo *chairman* não sofra de ‘complexo olímpico’ e possa manter conosco relações normais que não sejam necessariamente as de rei e vassalos”. O que magoa Erico é que o CAC e o embaixador-presidente do Conselho Interamericano de Cultura queriam deturpar o que dissera na Conferência.

22 Em carta de 6 de outubro de 1954, as relações parecem pacificadas. Erico volta a comentar suas andanças como conferencista, seus sucessos junto ao público, seu acolhimento em tantas universidades famosas, como Harvard. A trégua, porém, não vai longe. Outra disputa aponta no horizonte. Haveria um Summit no Peru, em Lima, com representações do DAC e, também, do CAC. As rivalidades tornam a se acender, já nos preparativos internos. As providências estão sendo decididas por instâncias superiores que o Departamento não pode controlar. No ano seguinte, o CAC reivindica uma representação maior no *Summit* de Lima. Erico busca uma solução negociada, que não chega a bom termo.

Aborrecido com os atritos constantes com a CAC, que se reacenderam após a Conferência Pan-Americana de Caracas, Erico confessa ao amigo, em carta de 20 de maio de 1955, que não sabe se quer voltar ao Brasil, apesar das saudades: “penso na minha chatoteca, na bagunça política, na miséria daquele povo, na enfadonha

sanha dos políticos, num certo ranço que anda no ar – então me vem um certo horror de voltar.”. A confissão inclui também outro motivo para o dilema de decidir se permanece ou não nos Estados Unidos.

Erico não teme apontar que o único deslustre de sua administração no DAC é o relacionamento com o CAC e nega a afirmação de Moog de falta de acolhimento por parte da UPA. Procura demonstrar ao amigo as razões do seu Departamento e indica as providências a serem tomadas: “O que nos pareceu desde o princípio é que o CAC não compreende a sua posição dentro da Organização. Aliás, essa história de jurisdição e competência tem de ser esclarecida pelo Conselho, quando o funcionamento e organização de teu comitê forem estudados”.

Para ele, dois pontos sensíveis junto à União Pan-Americana são a quebra da hierarquia e a pretensa autossuficiência da Comissão. Não poderiam passar “por cima do Secretário Geral e ter poderes discricionários sobre este Departamento”. Reconhece a contribuição do amigo aos trabalhos do Comitê, que antes da chegada deste eram “péssimos”. O teor da carta que Moog lhe dirigira fica registrado na resposta algo irônica: “Falas na falsificação das atas [...]. De resto, vocês assinaram as atas e eu tenho de supor que as assinaram depois de lê-las”.

23

Reafirma a lisura do comportamento do DAC quanto ao CAC em Caracas, negando que tivesse havido sabotagem ao Comitê e defende quem fez o registro de sua fala. Erico não se conforma com os boatos em torno da má vontade do seu Departamento em relação ao CAC e refuta a suposta subordinação da UPA ao Departamento de Estado. Todavia, sabe que está mostrando autoridade e que as relações desiguais de poder geram humilhação. Trata de justificar as decisões que geraram a dissensão: “Não compreendo tua reação. Não sabes, miserável, que a agenda foi discutida e aprovada pela Comissão de Conferências da OEA, da qual fazem parte representantes do Brasil (chairman), do Haiti, dos Estados Unidos, Colômbia, Guatemala, Honduras?”

Em 8 de agosto de 1955, Erico já está decidido a regressar ao Brasil. Diz ele que já comunicou sua saída e usa de uma metáfora

para ajuizar a atuação da União Pan-Americana: “A UPA é um belo instrumento que vivemos a polir, afinar, mudar de cordas... mas nunca tocamos. Nem um sambinha, nem uma rumba. ‘Me dê um dó, Dr. Fendrick.’ O velhinho dá. ‘Um lá bemol, dr. Manger.’ E lá vem o lá bemol. Continua a afinação, mas cadê a música? Não tem verba. Muita papelada. Muitas rivalidades.”

Tranquiliza o amigo sobre sua situação atual e, para evitar novos desentendimentos, pede-lhe que tome conhecimento dos documentos a serem apresentados e debatidos na próxima Conferência de Lima: “Peço-te que estudes os documentos intitulados Programa de Ação Cultural (Educação, Ciência e Cultura) que, afora os estudos de vocês, me parecem constituírem a parte mais importante da conferência”. Note-se a ênfase posta na igualdade das propostas da CAC e do DAC, outro argumento para afastar dúvidas. Evidentemente, Erico não deseja perder a amizade antiga com Moog. De um lado, precisa impor-se como diretor de um órgão superior ao do amigo. De outro, quer manter a todo custo a amizade que os une há tanto tempo. Por vezes, as duas entram em conflito, mas Erico não permite que seu afeto por Moog o impeça de fazer cumprir suas obrigações administrativas.

A última carta oficial endereçada a Vianna Moog de Washington data de 29 de março de 1956. Trata oficialmente de tratativas do DAC em relação às três reuniões de cúpula da OEA em Lima, Peru, estabelecendo limites entre as atribuições do Departamento e do CAC, presidido por Vianna Moog. Dado o caráter institucional da correspondência o tom é formal e impositivo. Como teria havido insistência do CAC, por meio de correspondência dirigida ao Secretário Geral William Manger, Erico se apressa a esclarecer novamente a situação, notando-se que ficou indignado pelo rompimento da cadeia hierárquica, passando por cima do Departamento.

9 Então integrante da secretaria da OEA.

Começa com a representação da UPA nas conferências e nomeia de forma clara todos os seus representantes, acrescentando que foram designados pelo próprio Secretário Geral. Outro item da agenda é a composição do Secretariado da UPA, salientando que terá de trabalhar em três conferências, e fica-se sabendo que não eram quaisquer eventos secundários, tendo envolvido a UNESCO, o CIC e a Reunião dos Ministros de Educação dos países-membros, os mais relevantes órgãos culturais das Américas.

Contudo, Erico faz questão de evitar crises com o CAC, sublinhando que os trabalhos da mesma terão a devida atenção do CIC. Tenta mostrar que não serão ignorados, mas que não alcançam o mesmo nível de significação das manifestações da UPA, órgão superior ao CAC. Como conhece as suscetibilidades do Comitê, observa que o problema básico são os fundos e para manter a transparência das escolhas, arrola os critérios de seleção dos participantes. Mas não renuncia a seu papel diretivo, para marcar em quem recairão as reclamações que porventura vierem à tona.

Essa carta, que encerra as relações institucionais entre a União Pan-Americana e o Comitê de Ação Cultural mexicano, permite, apesar de seu viés oficial, verificar as dificuldades havidas entre os dois órgãos, não obstante a amizade que unia seus dois chefes. Percebe-se que Vianna Moog defendia fortemente os interesses do seu Comitê, para marcar o espaço de sua atuação diante da OEA. Por sua vez, o Secretário-Executivo Erico Verissimo sente a surda oposição do CAC à UPA e trata de cercar-se de precauções para dirimir dúvidas, apagar possíveis incêndios diplomáticos, e impedir sublevações quanto a sua autoridade. Um choque de personalidades? Talvez, mas igualmente zelo em garantir o bom desenvolvimento das conferências e não decepcionar seus superiores.

A vida na União Pan-Americana nas cartas da OEA

Comparando os dois conjuntos de correspondência, é notável a diferença entre as cartas a Herbert Caro e as endereçadas a Vianna Moog. Caro se mostra um correspondente acolhedor, o que faculta a Erico uma maior quantidade de confidências e um fortalecimento dos laços de amizade mútua. Nota-se o respeito e a deferência com que escreve ao amigo livreiro. Em contrapartida, Moog manifesta um temperamento pouco flexível, defendendo fortemente sua posição oficial na OEA como presidente do CAC. Assim, o tratamento entre Erico e ele nem sempre é cordial, e diminui a soma dos relatos do cotidiano familiar e dos sentimentos quanto ao que acontece. Embora as cartas a Vianna Moog sejam predominantemente de caráter administrativo, Erico busca amenizar o tom por vezes mais impositivo, entremeando-as com ocorrências e expressão de emoções que possam ser mais facilmente recebidas pelo cioso amigo.

26 As cartas a Caro compõem um panorama colorido do que foi a estada de Erico e sua família em Washington por mais de três anos. Por elas apreciamos as estações do ano, o dia a dia da família, as várias moradias, os livros, filmes e discos consumidos, as relações com os amigos, as conferências realizadas por todo o país, o casamento de Clarissa – e a reação de seu pai –, o amor ao jazz e aos livros de Luis Fernando, a amizade de Mafalda com Clarice Lispector, os impasses criativos de Erico, suas decepções, temores e momentos de satisfação. E também os acontecimentos que mais afetam o escritor à testa do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, sempre sob uma lente não parcial, pois eventualmente crítica.

Com relação às cartas a Moog, afora as informações sobre família e amigos, visitas e andanças como palestrante, sobressai a história da União Pan-Americana no período. Como Vianna Moog é um colega de OEA, além de amigo antigo, que compartilha a mesma

editora de Erico, a trajetória dos dois se desdobra entre conflitos e reconciliações. Erico respeita as posições do representante do CAC, que a seu juízo e por força do cargo deve corrigir. Mas é forçado constantemente a explicar-se e a apagar a fogueira das vaidades. Por vezes, não consegue suprimir sua inconformidade com as atitudes não só do Comitê quanto de seu presidente. Por outro lado, é nessa correspondência que mais afloram os problemas da OEA, da UPA e do CAC, bem como do Conselho Interamericano de Cultura. Muita burocracia, hierarquias desrespeitadas, regras mal entendidas, pouca ação e muita discussão, além de alguns líderes demasiado autoritários. Também se tornam conhecidos os bastidores das Conferências de Cúpula da OEA de Caracas e Lima, seu planejamento e desdobramentos.

Por todos esses motivos, publicar essa correspondência, embora restrita apenas a dois destinatários, é ao mesmo tempo um testemunho de vida profissional e pessoal de um escritor de ficção, inexperiente quanto às lides administrativas, que enfrentou as responsabilidades de seu posto com denodo, e um documento histórico sobre os modos nem sempre harmônicos de atuação política e diplomática de uma organização transnacional, que reunia todos os países das Américas do Sul e Central e os Estados Unidos da América, no intuito de conservar a paz no Continente.

27

Maria da Glória Bordini
Organizadora